



Canadianos atravessando as ruínas de Ypres depois da grande 'batalha (The Illustrated London News)

II Série — N.º 510

Assinatura para Portugal,  
colónias portuguesas  
e Hespanha:

Trimestre 1\$20 ctv.
Semestre. 2\$40 ..
Ano ..... 4\$80 ..

Numero avulso, 10 centavos

## Ilustração Portuguesa

Edição semanal do jornal O SECULO

• Redacção, administração e oficinas: Rua do Seculo, 43 •

Lisboa, 29 de Novembro de 1915

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA  
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.  
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES



# CARTUCHOS

Para Espingardas,  
"Nitro Club" Forra-  
dos Com Aço, Pol-  
vora Sem Fumaça

Cartuchos carregados com pólvora sem fumaça para espingardas, a preço módico para serviço rápido. A sua infalibilidade tem-os feito os favoritos dos atiradores mais notáveis do mundo. Veja que a bolla vermelha Remington-UMC e as palavras Nitro-Club apparecem em todas as caixas que comprem.

Acham-se á venda nas principaes casas d este genero.

REMINGTON ARMS-UNION METALLIC CARTRIDGE COMPANY

299 Broadway, Nova York, N. Y.

E. U. da A. do N.

Representantes:

No Sul do Brazil  
LEE & VILLELA  
Caixa Postal 420, São Paulo  
Caixa Postal 183, Rio de Janeiro  
No Territorio do Amazonas  
OTTO KUHLÉN  
Caixa Postal 20 A., Manaus



Agente em Frlupa: G. Heitor Ferreira, L. do Camões, 3, Lisboa.



## ESTOMAGO, FIGADO, INTESTINOS

### PILULAS DIGESTIVAS FOSTER

(Tónico-Laxativas, Anti-Biliosas)

Remedio ideal contra: Somnolencia consecutiva ás comidas; enxaquecas; digestões difficéis; pobresa de sangue; falta de appetite; ondas de calor á cabeça; azia e dores de estomago; bilis; tez amarellada; oppressão e suffocação; palpitações; calafrios; nauseas; prisão de ventre pertinaz; eructações; flatulencia; lingua saburrosa; tonturas de cabeça; manchas deante dos olhos; mãos e pés Trios; etc; etc.

As Pilulas Digestivas Foster encontram — se á venda em todas as pharmacias e drogarias, a 500 Rs. cada frasco; pelo correio, franco porte, augmentar 50 Rs. para registro.

Agentes Geraes: JAMES CASSELS & C<sup>o</sup>, Succes.,  
Rua Mousinho da Silveira, N<sup>o</sup> 85, Porto.

### FOTOGRAFIA

*Reutlinger*

A MAIS ANTIGA DE PARIS

AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre — PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09

ASCENSOR

### REMEDIO FRANCES



Em todas as pharmacias ou no Deposito Geral, J. DELIGANT,  
25, rua dos Sapateiros, LISBOA. Franco de porte coo rando 2 Frascos.

## Companhia do Papel do Prado

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianaia e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações espezias de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de fórma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e emprezas nacionaes. —Escritorios e depositos:

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276

PORTO—49, Rua de Passos Manoel, J.

Enaereco telegrafico em Lisboa e Porto: Companhia Prado.

Numero telefonico: Lisboa, 605—Porto, 114

### CAPITAL

Ações . . . . .	360.000.000
Obrigações . . . . .	323.910.000
Fundos de reserva e de amortisação . . . . .	266.400.000
Réis . . . . .	950.310.000

### A' VENDA

Almanaque Ilustrado  
d'O SEculo

PARA 1916

### A' VENDA

## O ministerio

Nunca nenhum ministerio caiu com tanto vagar e tão larga preparação como este. Foi uma agonia confortavel prolongada a balões d'oxigenio. O constitucionalismo de todos os paizes está habituado ao grito que irrompe com subito fragor: — "Caiu o ministerio!" — A's vezes, sem causa aparente, sem razão clara, alue, esbarronda-se o poder executivo que reúne tristamente em volta de uma mēsa forrada de pano verde. Nos paizes pequenos estes factos repetem-se sem motivo como, já ha muitos anos, constatava Pelletan. Os ministerios caem por velhice, por birra, por

amuo ou por simples desejo de se irem embora... Agora, segundo dizem, ha motivo. N'este momento critico o nosso cae desagregado e bolorento. Coisa notavel! — o parlamento vae reunir para fabricar outro. Não será uma feliz inovação. Já Edmond Gondinet o dizia: — As leis fazem-se nos parlamentos, mas os ministros fazem-se nos corredores.



amuo ou por simples desejo de se irem embora... Agora, segundo dizem, ha motivo. N'este momento critico o nosso cae desagregado e bolorento. Coisa notavel! — o parlamento vae reunir para fabricar outro. Não será uma feliz inovação. Já Edmond Gondinet o dizia: — As leis fazem-se nos parlamentos, mas os ministros fazem-se nos corredores.

## A grève dos estudantes

A nota pitoresca foi a grève dos rapazes das escolas; muita vozeria, muito entusiasmo, alguma garotice e até mesmo duelo de pedrada para os sitios infelizes do largo do Calvario. Os estudantes usaram com largueza das duas manifestações caracteristicamente nacionaes com que todo o bom portuguez exala o seu jubilo; o viva e o foguete. Houve vivas celebrando adesões, foguetes celebrando adesões... E, todavia, sobre esta grève, que teve a efervescencia ligeira da espuma do champagne, duas observações se puderam fazer. Verificámos que os estudantes tinham razão e que, d'esta feita, as creanças d'hoje defenderam os direitos dos homens de amanhã: que tenham as

mesmas regalias aqueles que tiveram os mesmos esforços. E verificámos tambem que todos aqueles que tinham por obrigação pugnar pelos interesses dos estudantes antes mesmo d'elles o fazerem, muito comodamente, muito egoistamente, permaneceram indifferentes e desatentos. Foi a miuçalha, entregue a si propria, que se manifestou. Teve essa coragem. Honra lhe seja feita.

mesmas regalias aqueles que tiveram os mesmos esforços. E verificámos tambem que todos aqueles que tinham por obrigação pugnar pelos interesses dos estudantes antes mesmo d'elles o fazerem, muito comodamente, muito egoistamente, permaneceram indifferentes e desatentos. Foi a miuçalha, entregue a si propria, que se manifestou. Teve essa coragem. Honra lhe seja feita.

## As "belezas"

La Gandara, pintor das parisienses de bom tom

e muito apreciado pela maneira brilhante porque pinta *toilettes*, retrata agora todas as suas damas com o caracol ultra moderno que se escapa com petulancia das *toques* de inverno, quer nas fontes, quer na testa. E toda a serie, nunca exgotada, de photos Reutlinger reproduz com brutal exatidão a mesma beleza insolente e atrevida que ora rebriha em ouro nas carinhas á Botticelli, ora se espraia com garrulice em mo-



renas carnações de Transteverinas. Assim: La Gandara e Reutlinger lançaram a moda do caracolinho como, ha tempos, Poilaire lançou a moda do anel nas cartilagens do nariz. Sómente nem uns nem outra tiveram as honras da invenção; cada dia se torna mais difficil inventar. E a excentricidade, — que já exhumou os chapéus á Gainsborough e os toucados á Fontange, que renovou o *tromblon* do romantismo e



a sandalia da *merveilleuse*, — ressuscita, agora, o caracol. E o caracol d'hoje, essa coisa modernissima que tem a sedução de Paris, o bom gosto de Paris, a alta novidade de Paris, já a avó de V. Ex.<sup>a</sup> o usou, Minha Senhora, e mantinha-o na frente — coisa admiravel de dizer-se! — com uma pevide de marmelo...

## A "saison"

Com os primeiros frios do inverno animam-se os vestibulos dos teatros, preparam-se os sucessos de livreria. Aqui e além rebentam florescencias d'Arte. Depois das exposições de crisantemos que são nota elegante de um outono forrado de azul e oiro, as exposições de Melo e de Lucena animaram com tonalidades curiosas o velho salão Bobone, Simões d'Almeida Sobrinho e Costa Mo'a expuzeram as suas provas de concurso animadas por uma forte e larga rajada de inspiração, já o teatro nos deu um ato de Julio Dantas e uma peça notavel de Benavente, uma revista, a *Atlantida*, surge com um brilhante futuro, nos salões do Automovel Club vão ouvir-se os trios de Beethoven. Ha, realmente, por toda a parte, um gosto muito pronunciado pelas coisas finas e delicadas. A *saison* está batendo *son plein*.



MARIO DE ALMEIDA.

(Ilustrações de Manuel Gustavo)



# O Beijo

Após seis mezes de guerra sobre o territorio francez, Portugal, ameaçado no seu patrimonio d'além-mar, resolveu mandar tropas para o Sul d'Angola. E não foram as menos destemidas que partiram, encarregadas da defeza da fronteira portugueza sobre o sudoeste alemão.

Fieis à sua tradição de heróis, os valentes soldados embarcaram com a fronte altiva, o olhar ardente como desafiando de longe o barbaro moderno. Toda a população de Lisboa, num nobre e solidario impulso, acudiu ao caes de embarque a aclamar entusiasticamente a partida d'aqueles bravos. Mas esta manifestação, por mais simpatica que fôsse, não era ainda o suficiente; tornava-se preciso dar um testemunho mais pratico de recordação que reconfortasse e enternecesse os corações dos mais aguerridos e animasse com uma prova carinhosa de gratidão aqueles filhos da generosa terra portugueza.

Alvitram-se diversos meios; tratou-se logo de organizar festas de caridade, como saraus, certamens hipicos, etc., cujo produto reverteria a favor da Cruz Vermelha Portugueza.

Estava tudo perfeitamente combinado; mas, afinal, nenhum dos espectaculos se podia dizer uma inovação. Essas festas, apesar de modernas, tinham algo de vulgar e de já muito visto; precisava-se de arranjar alguma coisa de inédito.

Um antigo par do reino, um conselheiro austero, mantenedor dos principios e das tradições dos seus antepassados, aferrado aos preconceitos do velho regimen, tinha uma filha que era a mais linda creatura que se podia imaginar. Tinha ela, como no canto do

poeta, «ainda a graça mais formosa do que a beleza». Toda a finacmidade da capital sonhava com a encantadora joven; vivia enlevada nos seus olhos côr de ametista, nos seus cabelos côr do sol, no seu andar de deusa. Principalmente os estudantes das universidades, os futuros doutores, os marciaes cadetes,



todos aspiravam á sua mão e tambem ao seu coração, porque M.<sup>elle</sup> Helena d'Al-

modovar era um tanto desabrida e desdenhosa.

A envergadura dos seus sonhos pairava pelas regiões atraentes do desconhecido; alava-se aos pãramos do ideal intangível. Seu avô, o velho conselheiro, cioso d'essa criança, unica razão da sua existencia, como ele dizia, tinha incutido naquele cerebro tão joven uma série de doutrinas qual d'elas mais platon'ca. Convidada em geral para as festas de caridade, a interessante menina fazia apreciar o seu talento de bem dizer na recitação d'obras

não fôsse nacional. Recitar-se-iam versos de Almeida Garrett e de Guerra Junqueiro, declamar-se-iam prosas, ritmicas, como poemas, de Ramalho Ortigão, conde de Sabugosa, Eça de Queiroz, etc., far-se-iam vibrar os fados languidos sob as cordas gementes da guitarra e do bandolim. E, como supremo fecho d'esta festa, o conselheiro severo resolveu pôr em leilão... um beijo de M.<sup>elle</sup> Helena de Almodovar, sua querida neta.

Sem duvida este suplemento, não previsto,



dos melhores poetas ou cantava deliciosamente umas arias do *Fausto*, da *Lakmé* ou da *Manon*.

Ficou assente que para o Natal se realisasse uma festa cheia de atractivos, mas sem perder a feição solene como devia convir nas circumstancias de então. Não se representariam senão obras patrioticas; nada se exhibiria que

de tão sedutor programa, perturbaria muitos espiritos, abrazaria Lisboa inteira, tal qual a formosura de Helena abrazou Troia. A comparação não será muito rigorosa por se tratar de uma obra de beneficencia; mas o alvoroço não foi certamente menor. A idéa de amor era inteiramente excluida d'este pio proposito. A festa conservaria o decoro das circumstancias. M.<sup>elle</sup> Helena de Almodovar consentiu de boa vontade na contribuição de

um beijo para a patria, segundo a lembrança peregrina de seu avô.

No dia 23 de dezembro, dia determinado para a festa, o elemento masculino estava, como é bem de vêr, largamente representado. Muitas senhoras e meninas tinham vindo igualmente assistir a um leilão, talvez unico em Portugal até aquele dia.

O concerto decorreu animadissimo, mas o entusiasmo da assistencia reservava-se visivelmente, sob uma mal contida anciedade, para o numero sensacional do estranho leilão.

O conselheiro, o par do reino e adepto de Platão, subiu com passo solene o estrado da orquestra, onde, sobre uma meza, umas orquideas ostentavam em preciosas jarras a sua derradeira magnificencia. O velho fidalgo mostrava-se mais grave que de costume; tinha suspenso na mão direita um pequeno martelo de ébano. Ao pé d'ele veio sentar-se M.<sup>o</sup> de Almodovar, radiante de graça e de beleza, e cujo meigo semblante refletia uma emoção bem facil de calcular.

Ao vê-la, um susurro de admiração percorreu a sala e, apenas lhe succedeu o silencio profundo das grandes situações, o conselheiro declarou com ar solene:

—Para a Cruz Vermelha Portuguesa, para os nossos soldados que estão em Africa, um beijo da menina Helena de Almodovar áquele que mais ofereça por ele! O beijo é posto em praça por cinco escudos!

Vozes, masculinamente timbradas, lançaram:

—Seis escudos!

—Dez!

—Vinte!

—Quarenta!

Dentre uns militares, apinhados á roda do estrado e que deviam partir em breve para Angola, um d'elles sobrelançou:

—Cincoenta escudos!

De um grupo de estudantes que tinham feito uma «quêta» entre eles para depois tirarem á sorte o beijo, caso o seu lança fosse o ultimo, ouviu-se uma voz.

—Oitenta escudos!

—Oitenta escudos!

Um official de marinha ofereceu:

—Cem escudos!

—Duzentos! replicou o estudante com um olhar de desafio.

—Quinhentos! cobre um dos mais abastados industriaes de Lisboa.

Ouviu-se um murmurio de despeito. Os jovens academicos n'um relance d'olhos consultaram-se, remexeram nos bolsos, depois afastaram-se pesarosos, enquanto M.<sup>elle</sup> de Almodovar agradecia com um encantador sorriso áqueles Páris, tão *heroicamente* vencidos.

Um homem de fórte corpulencia, de faces rubicundas, opulento proprietario do Alemtejo, grita como se estivesse fazendo um negocio corrente:

—Eu dou seiscentos escudos!

—Sete centos! Lança o industrial.

—Oito centos!

—Mil escudos!

O lavrador pareceu refletir, olhou desdenhosamente para o seu rival, encolheu os hombros e saiu. Fez-se um curto silencio na sala. O pequeno martelo cahiu. Estava finalmente adjudicado o beijo de M.<sup>elle</sup> Helena de Almodovar, tão vivamente disputado.

A joven, toda ruborisada e confusa, avança então como vitima resignada para aquele que se oferecia a pagar tão principescamente o direito d'uma fugidia caricia. No instante em que chegava ao pé d'aquella admirador desconhecido, novo ainda, mas tão grave, tão triste no seu traje de luto, este contemplou-a e, afastando-se um pouco, apresentou-lhe um menino d'uns oito anos, dizendo-lhe com um melancolico sorriso:

—Menina, permiti-me que a vossos pés deponha as minhas respeitadas homenagens. Eu não era mais do que um licitante por conta d'outro; esse outro, é meu filho, que aqui tendes. Quer ele vêr em vós a imagem d'aquella que lhe deu o ser e que já não é d'este mundo. Concedei, pois, peço-vos, essa carinhosa mercê a esta creança, que terá assim a suprema ilusão d'um beijo de sua mãe.

O menino, extasiado, sorria com os seus grandes olhos sonhadores a M.<sup>elle</sup> de Almodovar que, comovida e satisfeita, lhe acariciou os belos anéis do seu cabelo e beijou-o enternecidamente, no meio dos aplausos freneticos de todos os assistentes e até das lagrimas bem comovidas de alguns.

Lisboa, novembro de 1915.

Marcelle de Bompard.



## O funeral do diretor do "Mundo"



A urna com os despojos do sr. França Borges saindo da redação do *Mundo*

Foi imponente a homenagem prestada ao distinto jornalista e grande republicano sr. França Borges, diretor do *Mundo*. Não só o partido democrático a que o extinto pertencia lhe manifestou o último preito de saudade; também muitos adversários po-

líticos se incorporaram no prestígio que acompanhou a final jazida o malogrado jornalista, mostrando assim a estima que tinham pelo adversário leal que ele sempre foi.

No cemitério muitos oradores fizeram o elogio



O armão dos bombeiros conduzindo o feretro passando na Rotunda da Avenida

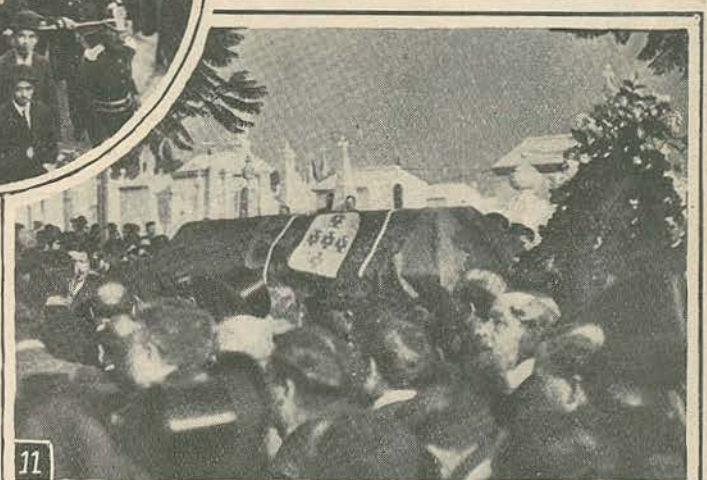


Assistencia ao funeral — Srs. José França Borges, dr. Afonso Costa, Carlos Trilho, dr. Germano Martins, Luiz Derouet, outras pessoas de familia e a seguir representantes do Chefe do Estado e do governo do morto, apregoando as suas belas qualidades de cidadão e de escritor. Foi uma verdadeira apoteose que servirá de lição aos que enveredando por caminhos varios não assentam n'uma idéa pela qual se exponham como França Borges se expoz e sofreu pela Republica.



2. O cortejo passando na Avenida Duque d'Avila. O pessoal do Mundo e a plaquette por ele oferecida — 4. A Maçonaria, indo à frente os srs. dr. Magalhães Lima e Leote do Rego





2. O sr. dr. José de Castro, lendo o seu discurso—3. O sr. dr. Manuel Monteiro, ministro do fomento, falando em nome do governo—4. O sr. dr. Afonso Costa, falando em seu nome e no do partido democrático—5. O sr. dr. Magalhães Lima, grão-mestre da maçonaria portuguesa, em nome da qual leu um discurso—6. O sr. dr. Rodrigo Rodrigues, lendo o seu discurso em nome das comissões políticas de Lisboa—7. O sr. dr. Levy Marques da Costa, em nome da camara municipal de Lisboa—8. O turno dos redatores do *Mundo*—9. O sr. José da Costa Pina, pelo Gremio Futuro, de que França Borges era veneravel 9. Na Avenida Duque d'Avila: A camara municipal de Lisboa e a coroa por ela oferecida—10. A sr.<sup>a</sup> D. Maria Velleda, pela Associação Feminina de Propaganda Democratica—11. No cemiterio do Alto de S. João: Os marinheiros conduzem aos hombros a urna com o cadaver de França Borges—12. O sr. dr. Albino Vieira da Rocha, pelo Grupo Republicano França Borges — 13. O sr. Augusto José Vieira, falando em nome da Associação do Registo Civil 14. O sr. Carlos Magalhães Ferraz, pelos grupos revolucionarios — 15. O sr. dr. Adriano Gomes Pimenta, pelos republicanos do Porto 16. O sr. Luiz Derouet, pelo pessoal do *Mundo*—17. O sr. dr. Alexandre Braga, pelo grupo parlamentar democratico e pelo povo republicano de Lisboa—(Clichés Benoliel)

AO  
**REI ALBERTO**  
DA BELGICA

*Detesto os féros Reis e sinto o gôso  
Em deprimir e sempre a real gente...  
Mas dobro o meu joelho, reverente,  
Perante vós, Senhor, vós, Rei famoso!*

*E é grato o meu esforço dedicado  
A um homem (embora rei) se é justo e nobre! —  
Outro tanto faria ao humilde e pobre,  
Que soubesse ser Grande e fosse honrado!*

*Quanto vos deve a França e ao nobre Povo  
D'esse Reino d'amor, d'arte e beleza!  
Quanto vos deve a velha Marselheza!  
A vós, que sois Monarca esbelto e novo!*

*Quanto vos deve a França e... todo o mundo  
Civilizado e crente! **A Liberdade**  
Quanto vos deve, Heróe de **Magestade**:  
Quanto vos deve ó Rei e tão facundo!*

*A vós que sois Real! O democrata  
Vos beijará, comosco, a mão sagrada,  
Que, em tão justa defesa, ergueu a espada  
Contra o tirano rei e gente ingrata!*

*Irmão... contra irmão, em guerra dura,  
Acima da ambição; por honra e brio!  
Alma eleita, que esmaga o poderio  
Da força que se impõe, cobarde e impura!*

*Julgou-o o tonto kaiser, iludido  
Vêr n'outro rei... um rei corrupto e baixo,  
Um tímido colega, ou vil capacho...  
E... enganou-se o tirano embrutecido!*

*Vós honrastes, Senhor, a aurea c'róa...  
Não dos Reis, mas dos **Bravos** magestosos!  
E calcastes essa outra d'orgulhosos,  
Que a historia só numéra e não entôa!*

*Sois Grande, Rei Alberto! Salvé Heróe!  
Espera-vos a Gloria! a Gloria imensa,  
Que da mão vos virá, com a sentença  
Que os justos sempre eleva e os maus destroe!*

Lisboa, 1915.

L. Lourenço da Silva.



# O Velho Mundo em guerra

Afinal, os ingleses e francezes só teem que contar com os seus proprios recursos de gente e de material de guerra para vingarem a Servia dos ultrages feitos pelos bulgaros, escudados nos reforços dos austro-alemães. A feição grave tomada pela situação nos Balkans com a invasão da Servia provocou na Italia um largo movimento de indignação, tomando logo vulto a idéa de se organizar uma expedição italiana á Albania. Em conselho de ministros chegou mesmo a aprovar-se um projeto do general Cadorna, para se levar a efeito essa expedição.

Acontece, porém, que, trazido o caso á discussão na imprensa, os jornaes concluem que se torna impossivel realisa-la por dificuldades de ordem tecnica.

Sabe-se tambem qual é a attitude suspeita da Grecia, que por pouco não tem comprometido, em vez de secundado, a passagem dos aliados pelo seu territorio.

Tanto o governo inglez como o francez estão preocupados com a situação dos seus corpos expedicionarios, destinados a evitar a destruição do exercito servio e a interpôr uma barreira entre os bulgaros e a Grecia.

A ação da Inglaterra e da França em tantos pontos ao mesmo tempo não lhes permite acumular ali

mais forças para poder dar desde já um golpe decisivo. Por isso a resolução da Italia e a attitude da Grecia muito podiam contribuir para uma boa e rapida solução do conflito balkanico. Mas não ha que contar com elas, sendo ainda para notar que as esquadras aliadas que estacionam no Mediterraneo ainda preservam a Grecia de qualquer invasão pelo lado do norte.

Chegou-se até a falar em Atenas no desarmamento dos servios que se vissem obrigados a pisar o territorio grego, como mais uma victoria da diplomacia alemã junto do governo do rei Constantino. Foi oficialmente desmentida esta noticia, que teve aliás largo curso: mas não se apagou de todo um triste presentimento sobre qualquer regresso forçado dos contingentes aliados pela Macedonia grega que eles atravessaram. Não ha duvida de que, se eles ali se encontram, foi a desejos e talvez mesmo a solicitações da Grecia.

E' pois inacreditavel que, ao regressarem pelo mesmo territorio, eles ou mesmo os servios, fossem tratados de maneira completamente oposta, faltando assim o governo helenico redondamente ás mais inequivocas afirmações de amizade e hospitalidade. Se assim succeder a lição será tremenda.



O principe Luiz Napoleão

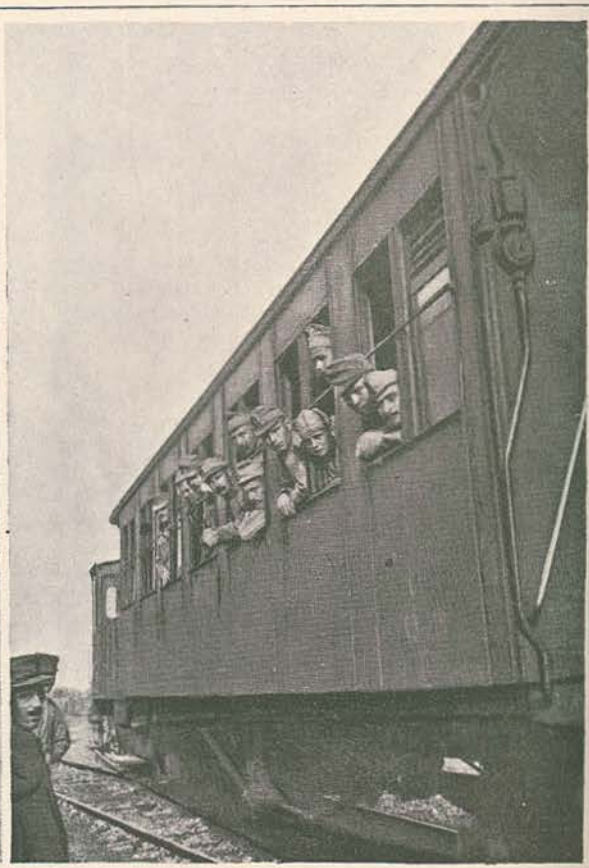
O rei

O general Zupelli

O rei Vitor Manuel, com o seu sequito, seguindo uma importante operação



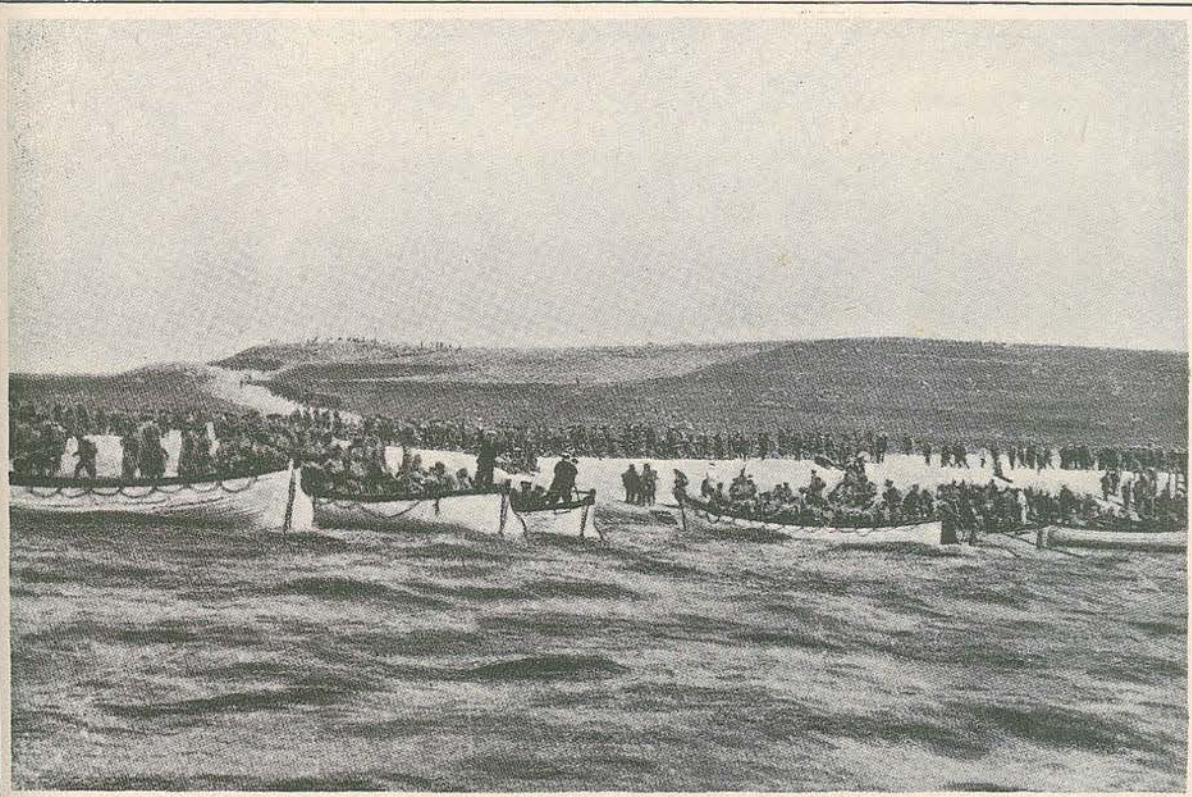
Um *goumier* observando o inimigo  
(Cliché *Excelsior*)



Um comboio de prisioneiros austriacos  
internados na Italia



Enquanto os homens combatem nos campos de batalha, as mulheres continuam nos trabalhos agrícolas arroteando os campos de pão e fazendo outros rudes trabalhos dos seus companheiros ausentes—(Cliché *Excelsior*)



*A guerra nos Balkans.—O embarque de tropas inglezas na costa grega*



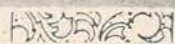
*O exodo da população servia ante a dupla invasão bulgara-alemã*

## A Bulgaria

E' uma digna aliada dos imperios centraes e como eles ha de fatalmente vir a expiar os erros da sua má politica e os crimes da sua ambição. Como os austriacos e os alemães, os bulgaros tem-se mostrado de uma ferocidade medonha contra as povoações por eles invadidas e arrasadas. Os velhos, as mulheres e as creanças, quer dizer, os fracos e inermes são as vitimas prediletas das suas selvagerias. Destroem-lhe a ferro e fogo as casas onde eles, coitados, se abrigam como ultimo refugio e dão-lhes até caça pelos campos a travez dos quaes a pobre gente servia faz o seu exo.io.



1. A rainha da Bulgaria. — 2. Soldados de cavalaria bulgara marchando a pé para se encorporarem a outras armas do exercito a fim de lhes ser passada revista. — (Clichés Flaviens).



1. A artilharia búlgara preparando se para abandonar o seu quartel e marchar para o campo de batalha.  
2. A infantaria búlgara em ordem de marcha para a fronteira.

(Clôchés Flaviëns)



1



2



3

1. Acampamento de *goumiers*. No primeiro plano uma típica figura de arabe condecorado com a Cruz de Guerra.

2. Um deposito de gasolina. O encarregado está observando a passagem de um *taubé*.

3. Uma oficina de serralheiro

4. Outro aspeto do acampamento de *goumiers*



4



5



6

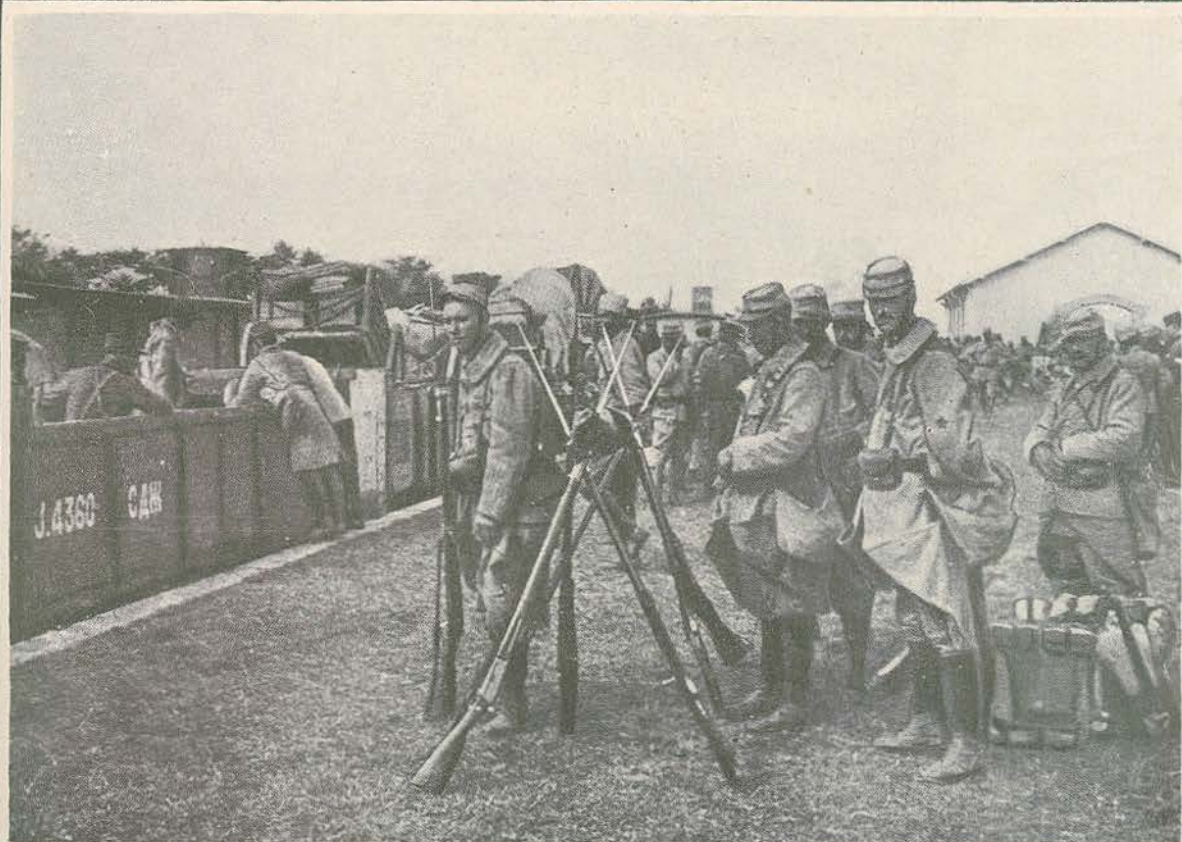
5. Construindo uma trincheira abrigo.—6. O português sr. José Ventura dos Santos + ao serviço da França, reparando um automovel. E' a ele que devemos a gentileza d'estas fotografias. O sr. Santos foi encarregado da officina de serralharia do nosso Arsenal do Exercito.





N'uma trincheira conquistada pelos francezes

(Desenho de Georges Leroux).

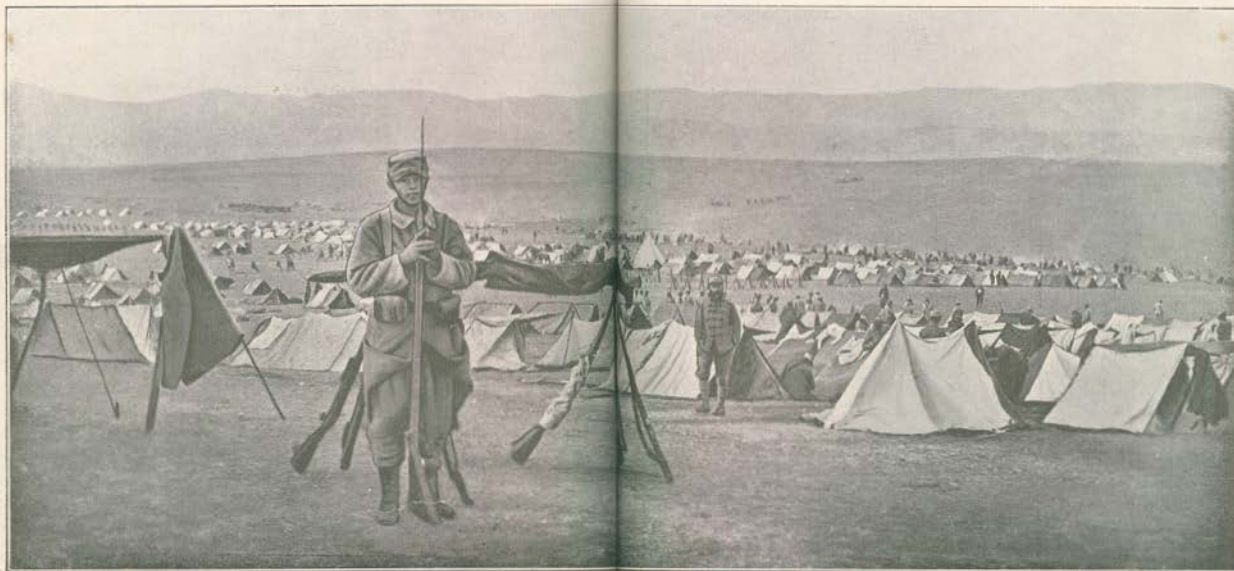


Salonica.—Partida de um comboio com tropas francezas para a Servia

# OS ALIADOS EM SALONICA



Vista geral da cidade do porto



As tropas baneiras acampadas no porto de Salonica. A guarda de honra

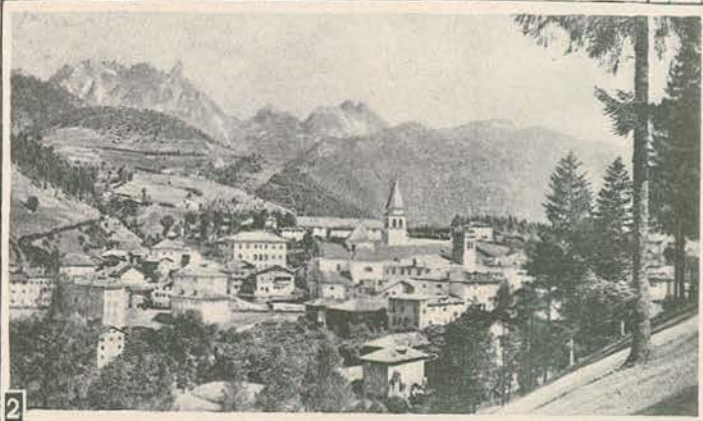


Toulette de uma bateria de 75



1

Em Itália.—O elemento feminino italiano também arde de impaciência para combater. As senhoras e meninas da primeira sociedade constituem hoje a maior frequência das escolas de tiro, multiplicando-se estas também prodigiosamente dia para dia. E são notáveis os progressos que se registam; a média do tempo da preparação não é superior à do homem e, o sexo fraco prova que com uma espingarda na mão eguala o forte.



2



3

1. As Damas de Roma exercitando-se no tiro ao alvo, o seu sport predileto atualmente.—2. Cadore, vendo-se o monte Marmarode a 5:129 metros.—3. Um grupo de damas romanas aguardando que se inicie a sessão de tiro ao alvo de uma das muitas coletividades que estão favorecendo o desenvolvimento d'este utilíssimo sport.

*A obra dos austriacos sobre os tesouros de Arte de Veneza*



*Na igreja dos Scalzi.—O altar de Santa Tereza*



*O altar da Sagrada Família*



*O altar-mór*



*O côro e porta de entrada*

# A ARTE NA GUERRA

UMA EXPOSIÇÃO NAS TULHERIAS



Retrato do general Bonaparte, pelo barão Gros.

Retrato de Turenne, por Le Brun.

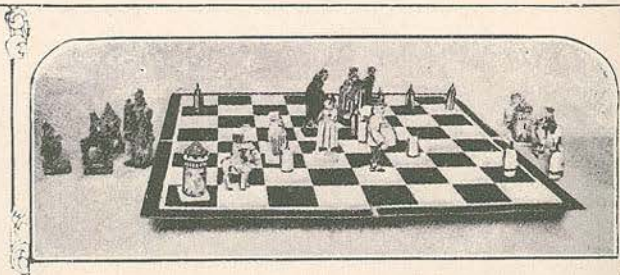
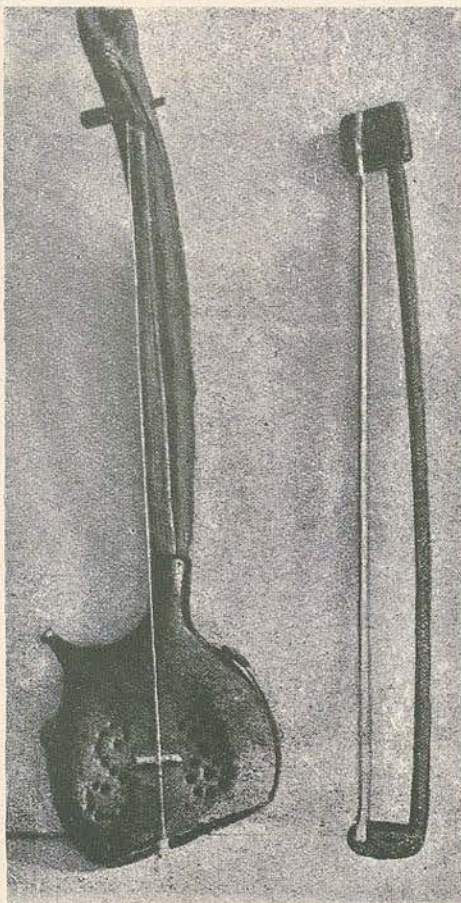
Os francezes, que não têm o nosso lindo vocabulo de *saudade*, arranjaram um termo da pitoresca lingua das trincheiras e chamam-lhe o *cafard*. *Cafard*, n'essa aceção, é uma palavra de guerra que exprime um melancolico estado d'alma. Quando não troa o canhão, quando os assaltos se não preparam, quando a paz cae, uma paz angustiosa, sobre esses logares tragicos da guerra, pelas tardes cinzentas do outuno, nas noites regeladas, muitas vezes em pleno dia e em pleno sol, o *poilu* não dorme — e sonha. E o seu espirito



Specimen de varios objetos fabricados pelos soldados com a metralha dos obuzes e destroços que estes causaram.

enche-se então das recordações que o atormentam; o heroismo está longe, passou a hora do combate; e a miseria da sua existencia tão visinha da morte aparece-lhe pungente e com ela, na evocação d'uma vida que foi risonha e facil, a imagem dos seres queridos que nunca mais verá talvez. É uma hora de tristeza cheia de presagios, uma melancolia profunda e exasperante, uma dôr d'alma aguda que inquieta os mais fortes e aniquila os menos resolutos.

E' o *cafard*. Os valentes *poilus* temem-n'o mais que aos estilhaços d'obuz e á chuva



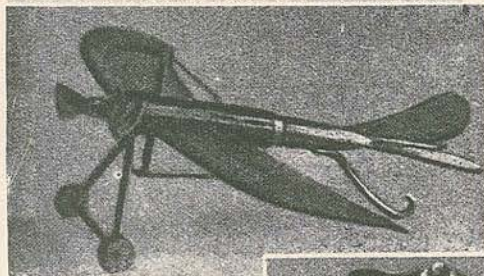
Jogo de xadrez.

da metralha.

Para combater esse inimigo, perfido, terrível, como um veneno, para evitar o seu assalto, o soldado procura distrair-se trabalhando. Os seus *ateliers* não tem conforto, os utensílios rareiam, a materia-prima é escassa. Mas o engenho supre tudo. E o *poilu* desenha, modela estatuetas, faz lindos aneis d'aluminio onde por vezes incrusta



Artilheiro francez (1870).  
(Aguarela de A. de Neuville)



estilhaços dos vitraes das igrejas arrazadas, faz pulseiras trabalhadas com esmero, facas de cortar papel, originaes tinteiros, instrumentos de musica inverosímeis, uma intinidade de pequenos objetos, nem sempre perfeitos, nem sempre d'uma concção irrepreensível, mas mesmo encantadores quando são menos belos.

De todos esses objetos feitos nas trincheiras com os estilhaços, os cartuchos, os envucloros d'obuzes que juncam os campos de batalha, *Le Pays de França*, o semanario editado pela empreza do *Matin*, fez uma exposição no pavilhão Jogo da Pela do jardim das Tulherias.

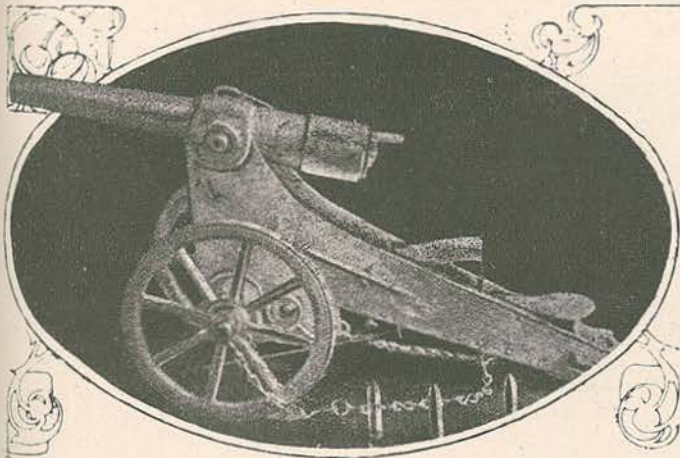
Para decorar as paredes das salas onde tantas interessantes coisas se reuñem o Estado e alguns amadores cederam os melhores quadros de guerra das suas coleções.

Erguendo os olhos de sobre as maravilhas d'engenho dos soldados da França, os visitantes d'essa exposição sem precedentes en-

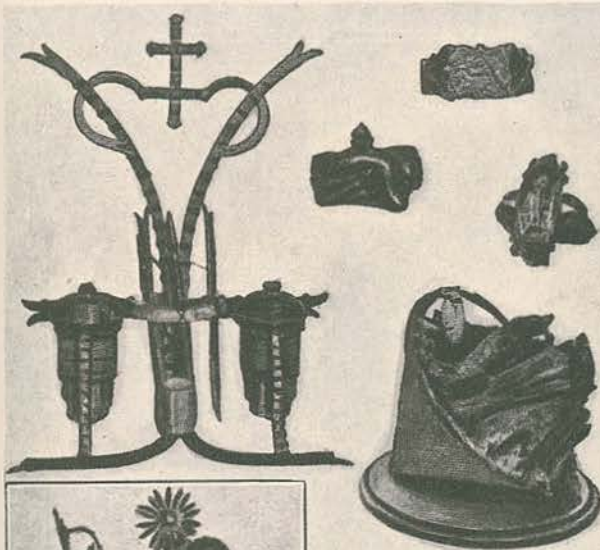


Outro *specimen* dos objetos que os soldados francezes fabricaram com a metralha dos canhões inimigos.

contram os grandes lances de gloria. as grandes figuras de solda-



dos taes como os mestres da pintura os souberam perpetuar nas suas telas. Turen-

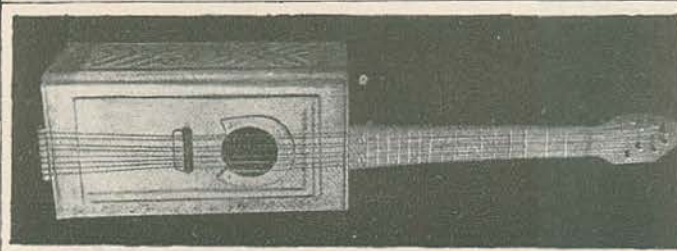


kebir, de Eylau, de Magenta, todos ali estão a invocar um passado que justifica todos os orgulhos e todas as esperanças d'uma patria d'heroes.

Paris, Novembro.

P. O.

ne, Condé, Demouriez, Napoleão, os granadeiros da Guarda, os soldados da Revolução, os defensores das barreiras de Clichy, os vencedores de Tel-el-



Ainda outros *specimens* de objetos fabricados pelos soldados francezes nos campos de batalha.



## BOM TIRO



*Um soldado inglês apontando a arma ao ponto mais vulnerável do inimigo:—Ergue as mãos, ou faço-te saltar os miolos!*

(Efetivamente, os alemães parece que tem os miolos no estomago, porque para eles não ha órgão que desempenhe função mais importante).

# Madame Lohmann

Madame Lohmann, esposa do conhecido e estimado negociante sr. Eduard Lohmann, é uma senhora de raro talento artístico e de muita atividade, dedicando-se especialmente á pintura. Bem o prova o seu palacete, onde não ha um unico compartimento que não tenha a ornal-o trabalhos seus, quer sejam quadros quer mobílias pintadas em diferentes estilos, não contando com infinitos bordados. Entre essas mobílias merece especial menção uma de sala, pintada a preto com desenhos a fingir embutidos de marfim, tão bem feitos que nos iludem.

A especialidade de madame Lohmann é a pintura arabe que ela teve occasião de estudar a fundo na Algeria, antes de vir para Portugal. Os seus trabalhos, sempre originaes, e nunca copias, são de rara exatidão e perfeição,

sendo notavel a sua firmeza de mão nos finos contornos em preto que caracteriza a pintura arabe. Em Portugal não ha outra artista n'este genero.

Outro talento possui madame Lohmann: é uma artista de palco, uma primorosa declamadora. Poucas atrizes de profissão sabem pisar o palco como ela e incarnar-se nos seus papeis, fazendo rir os espectadores ou comovendo os até ás lagrimas. Dotada de uma memoria admiravel, recita tudo de cór, tanto na sua lingua patria como na portugueza que ela maneja como raras vezes o faz uma estrangeira. «Dás Hexenlied von Wildenbruch» recitado por ela dá-lhe o direito de se colocar ao lado das primeiras artistas; e, por isso, onde madame Lohmann se apresenta, é sempre objeto de vivos e merecidos aplausos.



Madame Lohmann



Jarrão, estilo arabe, fundo azul, 1 metro de altura



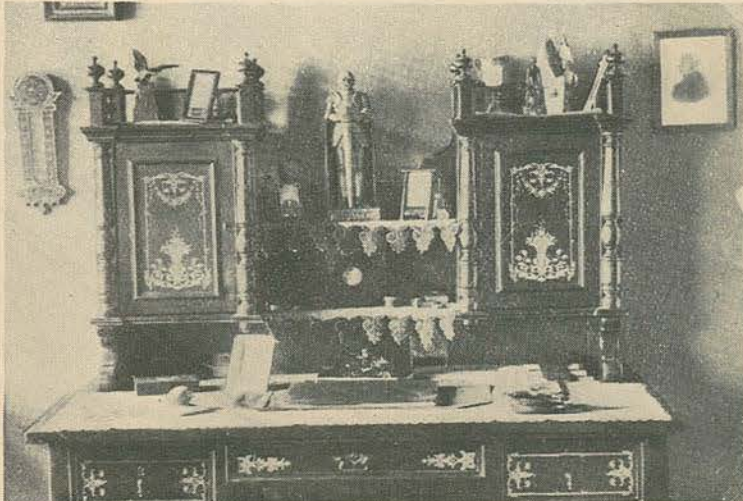
Vaso, estilo arabe, fundo encarnado



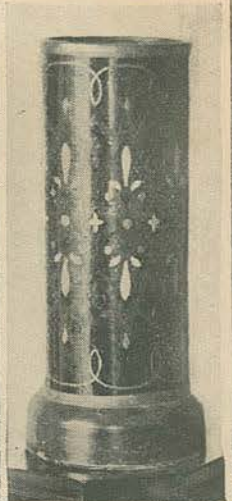
Mezinha de chí estilo arabe, fundo preto, 0,55 de altura



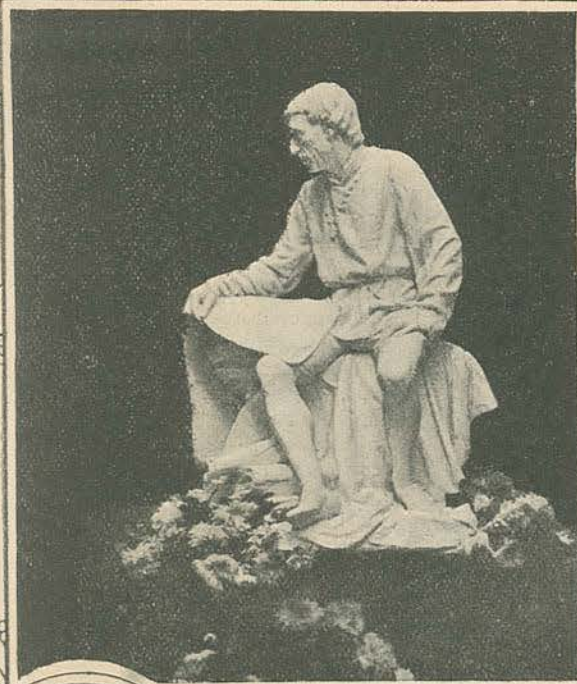
Jarrão, estilo arabe, fundo preto, 1 metro de altura



Parte de cima d'uma secretaria, fundo preto, embutidos de marfim, estilo *renaissance* — (Clélys Benoliel).



Bengaleira, estilo arabe, fundo preto



A *maquette* da estatua do infante D. Henrique apresentada pelo sr. Costa Mota

A *maquette* da estatua do infante D. Henrique apresentada pelo sr. Simões d'Almeida, sobrinho



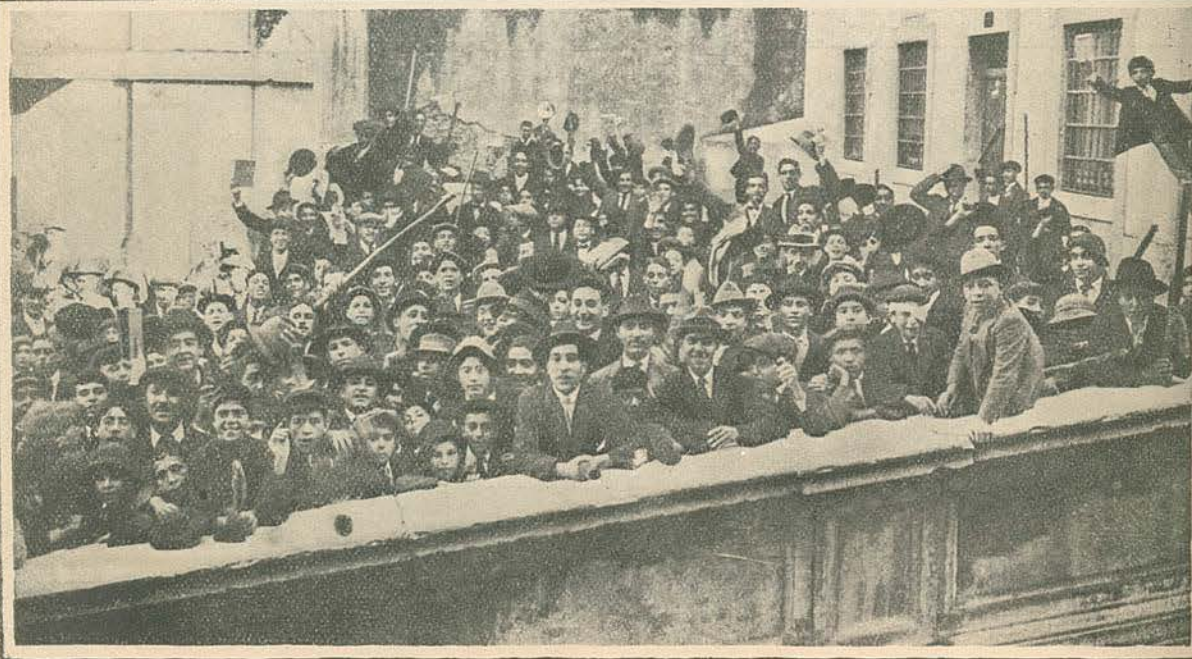
O escultor sr. Costa Mota



O escultor sr. Simões d'Almeida, sobrinho

Um concurso na Academia das Belas Artes.—A' cadeira de escultura da Academia das Belas Artes concorreram os professores, srs. Costa Mota e Simões de Almeida, sobrinho, consistindo as suas provas na «maquette» de uma estatua do infante D. Henrique. O jury preferiu o trabalho do sr. Simões d'Almeida; o publico entendedor, muitos professores e alunos da Academia preferiram o do sr. Costa Mota, fazendo-lhe uma entusiastica consagração. O primeiro modelou galhardamente D. Henrique pela sua tradição de cavaleiro e pelos mais verosimeis contornos

que da sua figura imponente e fidalga chegaram até nós; o segundo concebeu-o recolhido no seu gabinete de estudo, como o verdadeiro sabio, o glorioso sonhador, em que se convertera o guerreiro, sem lhe tirar o ar distinto e juntando-lhe ás rugas da meditação os traços duros que lhe ficaram das lutas d'África.



**Grève dos estudantes.** — A manifestação dos alunos da Escola Marquez de Pombal em frente da redacção do *Seculo*, apoiando a attitude d'este jornal e protestando contra a grève das outras escolas.—(Cliché do fotografo sr. J. Canela)



O chefe do Estado votando na 2.<sup>a</sup> secção da assembléa de S. Sebastião da Pedreira

**Eleições suplementares.** — Realisaram-se em Lisboa e n'outros circulos onde haviam vagas as eleições para deputados. Essas eleições foram disputadas pelos tres partidos organisados, para as quaes os evolucionistas e os unionistas fizeram uma viva propaganda. Afinal a maioria da votação de Lisboa

recaiu nos representantes do partido democratico, tendo saído eleitos os srs. Catanho de Menezes e Aibino Vieira da Rocha, dois dos mais prestigiosos elementos do partido a que p rtencem.

Em todas as assembléas o ato eleitoral correu sem incidentes de importancia.



Na Camara Municipal de Lisboa realisou-se a distribuição de premios aos condutores de animaes de tração que no dia 7 do corrente, no Campo Grande, melhores provas exhibiram do bom tratamento dado aos animaes a seu cargo. Esta cerimonia foi precedida de uma sessão solene a que presidiu o sr. dr. Bernardino Machado, Presidente da Republica. A nossa gravura representa os individuos galardoados. — (Cliché Benoitel)

## "Atlântida"

Saiu o 1.º numero d'este mensario artistico literario e social para o



O sr. Elisio de Campos, secretario da redação



O distinto escritor brasileiro «João do Rio»

O sr. dr. João de Barros, escritor e poeta diatinto

Brazil e Portugal, dirigidos pelos distintos escritores srs. dr. João de Barros e Paulo Barreto («João do Rio»).  
Vem

vista, á qual muito desejamos uma longuissima vida. Em Portugal foi a nova publicação muito bem recebida.



O sr. Pedro Bordalo Pinheiro, editor



O sr. Horacio d'Azevedo

O sr. Horacio de Azevedo é o organisador da nova companhia de seguros *Patria*, com sede em Evora, e constituída apenas por capitães alemtejanos. É um homem de larga iniciativa, inteligente e pratico conhecendo a fundo as varias enghenagens do genero e sendo bastante conhecido em todo o paiz, pois foi um dos melhores inspectores das companhias *A Mundial* e o *Futuro*. Auguramos á *Patria* um excelente futuro.



Marquez de Jacome Correa

**Marquez de Jacome Corrêa.**—A ação caritativa do sr. marquez de Jacome Corrêa tem s do praticada em larga escala na ilha de S. Miguel, onde reside. São inumeras as dadas a registrar. Mas d'entre todas ha uma que merece ser especialisada pelo que de elevado encerra em seu objetivo. Referimono-nos á fundação e manutenção da utillissima «Escola de Rendas de Peniche», dirigida pela habilissima professora sr.ª D. Hortense Moraes, á qual está destinado um papel importantissimo na vida economica da ilha e um grande beneficio á população feminina da mesma, que por via d esta escola adquire a habilitação necessaria para conseguir, livre, honesta e honradamente os meios de subsistencia de que carece.

E esta prestimosa instituição foi fundada por iniciativa do illustre titular, que a mantem a expensas suas, contribuindo assim, d'um modo pratico e eficaz, para o levantamento moral da mulher. Os resultados praticos da «Escola de Rendas» de Ponta Delgada, foram nitida e claramente patenteados ao publico, que á exposição, realisada no fim do ano letivo, numerosamente concorreu e da qual publicamos n'um dos nossos ultimos numeros a fotografia, a que por erro de informação designamos «exposição de rendas da Escola Industrial» de Ponta Delgada, quando este estabelecimento de ensino de desenho nenhuma afinidade tem com a «Escola de Rendas», fundada pelo illustre benemerito.



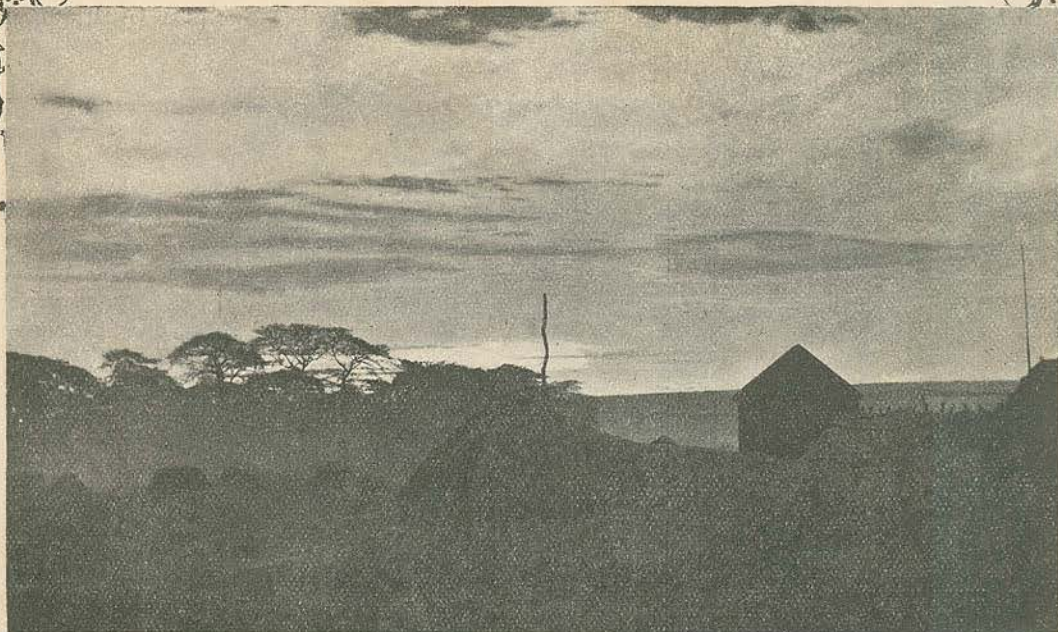
O sr. dr. N. Simões

Além de outros muitos trabalhos de valor do illustre escritor sr. dr. Nuno Simões acaba de publicar-se a notavel conferencia sobre a caricatura do nosso tempo feita no Salão dos Humoristas do Porto e subordinada ao titulo *Gente Bisonha*. Nuno Simões não é só um escritor distinto; como governador civil de Vila Real tem provado tambem o seu espirito patriótico e alto criterio politico.



EM COIMBRA: — Os academicos hespanhoes D. José Malquer y Salvador e D. Eduardo Gomez de Baquero, na sua visita a Coimbra, fotografaram-se com varias pessoas que lhes prestaram as mais atenciosas homenagens. — Da esquerda para a direita: Os srs. dr. Manuel Braga, da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra, Pedro Bandeira, idem, dr. Costa e Almeida, reitor da Universidade, D. José Malquer y Salvador, socio de merito da Real Academia de Jurisprudencia de Madrid, dr. Costa Lobo, lente da Universidade e presidente do Instituto, dr. Carlos Dias, da Sociedade Propaganda de Coimbra, D. Eduardo Gomez de Baquero, presidente do Conselho permanente de Instrução Publica de Hespanha, dr. Silvio Pelico, reitor do liceu e presidente do Municipio de Coimbra, dr. Carneiro Pacheco, lente da Universidade e secretario do Instituto. — (Cliches do sr. Gabriel Tinoco).

# CHINGUAR



O pôr do sol em Moma

O atual «terminus» do caminho de ferro de Benguela é Chinguár, que fica ao quilometro 519 d'esta linha. E' uma região muito saudavel, situada no extremo sul de Bailundo. Serve a vastissima região do Bié, que lhe fica a leste, e dista 60

quilometros de Belmonte, que o caminho de ferro atravessará logo que termine a guerra que tem dificultado a sua construção.

Ao sul fica a pequena e pitoresca região da Moma, que faz parte da nova e florescente cir-



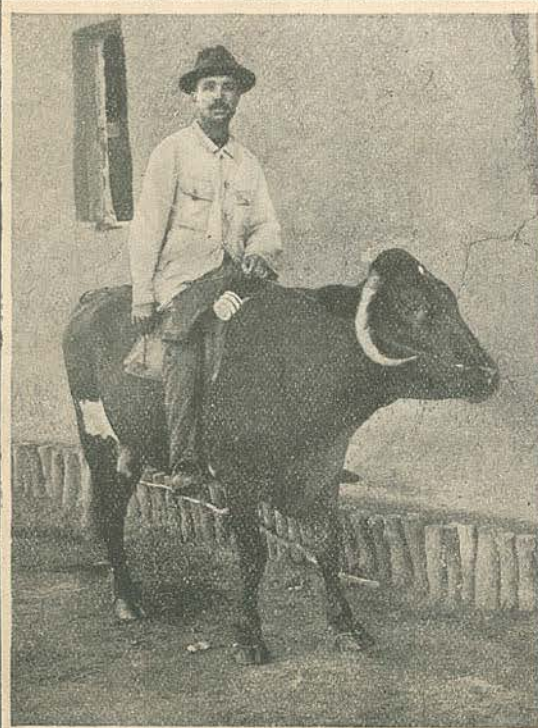
Ponte gentilica sobre o rio Cubango, na Moma, a 35 quilometros da nascente



Uma familia boer

cunscrição do Huambo, em cuja sede está em via de formação uma bela cidade do futuro, para o que muito concorrerá uma mais conveniente aplicação das receitas municipaes e o barateamento das concessões de terrenos para edificações.

O extenso plananto de Benguela, devido á benignidade do seu clima temperado, á fertilidade do seu solo, á abundancia de aguas para irrigação que permite duas colheitas anuaes e ás facilidades extraordinarias da vida, poderia tornar fe-



2. Boi-cavalo. — 3. Uma nascente de purissima agua n'um pitoresco bosque natural da *embala* (capital indigena) da Moma, onde abundam o feto, a avenca e o musgo.



1



2



3



4

1. Em pleno sertão. — 2 Um dos filhos do sr. Antonio de Freitas, nascidos e criados na Moma, a atestar pela sua robustez a salubridade do clima e como no planalto Sul de Angola se adapta a raça branca.—3. Outro filho do mesmo sr.—4. Uma casa comercial na Moma.





Vista tirada de uma casa comercial na Moma, de onde se disfruta um soberbo panorama de cerca de 250°.



lizes muitos milhares de famílias que no continente de Portugal vivem escassamente do seu trabalho extenuante e pouco remunerador.



2. O autor d'estes clichés, o distinto fotografo amator sr. Antonio de Freitas, sua familia e pupilos. — 3. Estação terminus atual de Chinguár (caminho de ferro de Benguela). — (Clichés do distinto fotografo amator de Huambo sr. Antonio de Freitas).

**PÕ DE ABYSSINIA EXIBARD**  
 Sem Opio nem Morphina.  
 Muito eficaz contra a  
**ASTHMA**  
 Catarrho, Oppressão  
 35 Anos de Bom Exitto.  
 Medalhas Ouro e Prata.  
 H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C<sup>o</sup>  
 8, Rue Dombasle  
 PARIS  
 e BOAS PHARMACIAS

**M** OZAICOS — AZULEJOS —  
 — CAL HYDRAULICA  
 CIMENTO AGUIA ROCHEDO  
 — GOARMON & C. —  
 Rua do Corpo Santo, 17, 19 e  
 TELEPHONE 1242 LISBOA

**Perfumaria**  
**Balsemão**  
 141, RUA DOS RETROZEIROS, 141  
 TELEPHONE N.º 2777-LISBOA

**PARA ENGADERNAR A**

**"Ilustração Portuguesa"**

Estão á venda bonitas capas em percal ne ue fantasia para enca-  
 dernar o **PRIMEIRO SEMESTRE DE 1915**, da *Ilustração Portuguesa*. De-  
 senho novo de otimo efeito.

**PREÇO: 360 réis**

Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anterio-  
 res. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A impor-  
 tancia pôde ser remetida em vale do correio ou ordens postaes.  
 Cada capa vae acompanhada do indice e frontespicio respétivo.

**ADMINISTRAÇÃO DO "SECULO" — Rua do Seculo 43, Lisboa**

**O passado, o presente e o futuro**

REVELADO PELA MAIS CELEBRE  
 CHIROMANTE  
 E FISIONOMISTA DA EUROPA

**MADAME**

**Brouillard**



Diz o passado e o presente e  
 prediz o futuro, com veracidade  
 e rapidez; e incomparavel em va-  
 ticinios. Pelo estudo que fez das  
 ciencias, quiromancias, cronolo-  
 gia e fisiologia, e pelas applica-  
 çoes praticas das teorias de Gall, La-  
 vater, Desbarrolles, Lambrose,  
 d'Arpenligney, madame Brouil-  
 lard tem percorrido as principaes  
 cidades da Europa e America,  
 onde foi admirada pelos numero-  
 sos clientes da mais alta catego-  
 ria, a quem predisse a queda do  
 Imperio e todos os acontecimen-  
 tos que se lhe seguiram. Fala portuguez,  
 francez, inglês, alemão, Ita-  
 liano e hespanhol. Da consultas diarias  
 das 9 da manha as 11 da noite  
 em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO,  
 43 (sobre-loja) — Lisboa. Con-  
 sultas a 1\$000 réis, 2\$500 e 5\$000 réis.

**Grande marca franceza**



**CRÈME SIMON**

PARA  
 conservar ou dar  
 ao rosto  
**FRESCURA  
 MACIEZA  
 MOCIDADE.**

Para proteger a epiderme contra as  
 influencias perniciosas da atmospera,  
 é indispensavel adoptar para a toilette  
 diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓS de Arroz SIMON** e o  
**SABONETE Crème Simon**, pre-  
 parados com glicerina, a sua acção  
 benefica é tão evidente que não ha  
 ninguem que o use uma vez que não  
 reconheça as suas grandes virtudes.

**MÉDAILLE D'OR, Paris 1900**  
**J. SIMON**, 59, rue du faubourg **PARIS** 10<sup>e</sup>  
 Saint-Martin  
**PHARMACIAS, PERFUMERIAS**  
 e lojas de Cabellereiros.

**Desconfiar das Imitações.**



**RELOJOARIA DE PRECISÃO**

RELOGIOS SIMPLES E COMPLICADOS

**J. PICARD-CADET**  
 (CROIX D'OR)

15, PLACE DU MOLARD, 15

**GENÈBRA (SUISSA)**

(CRONOGRAFOS - CRONOMETROS)

CALENDARIOS - TACHYMÈTROS  
 PULSOMÈTROS - TELEMÈTROS

**CATALOGO GÉRAL GRATIS A PEDIDO**

# CASA BUTTULLER



Chapelaria e Artigos Militares

---

UNICA E ANTIGA CASA QUE EXISTE NO PAIZ

---

Viuva de José Buttuller

---

OFICINAS:

Calçadinha do Tijolo, 45-A (Escolas Geraes)

ESTABELECIMENTO:

37—Travessa de S. Domingos—39

---

*Bonés á militar e á paizana,  
capacetes, espadas, charlateiras, emblemas, etc.*

---

**CHAPEUS DE TODAS AS QUALIDADES**

---

*Participa aos seus ex.<sup>mos</sup> freguezes  
e ao exercito que recebeu uma remessa de cantis e espadas  
para todas as armas*